

Saúde

INVESTIMENTOS

Bird vai liberar verba para ação na área social

*Parte dos recursos
será destinada a
investimentos privados na
área de saúde*

LILIANA ENRIQUETA
LAVORATTI

BRASÍLIA – O Banco Mundial (Bird) deverá aprovar ainda neste ano os primeiros empréstimos para investimentos privados na área de saúde no Brasil. Os recursos serão liberados por meio da Corporação Financeira Internacional (IFC), a agência do Bird que financia o setor priva-

do. Outra prioridade da IFC é dar suporte de capital para garantir que os resultados da privatização de empresas estatais se traduzam em melhores serviços aos consumidores.

O representante da IFC no Brasil, Bruce Leighton, disse ontem que a instituição vai conceder empréstimos de longo prazo (oito a dez anos) para a construção de hospitais e clínicas médicas porque, além da área de saúde ser uma das prioridades do governo, no futuro o setor privado vai jogar um papel importante nesse mercado.

No atual ano fiscal – que se encerra em junho próximo –, o Brasil

está sendo o maior cliente da IFC, recebendo US\$ 1,3 bilhão do orçamento global de US\$ 6,7 bilhões da instituição. Esse volume recorde de investimentos fez o País ultrapassar a Argentina, até então o principal tomador desses empréstimos. Nos próximos doze meses, no entanto, o montante de recursos para empresas privadas deverá voltar ao patamar anterior, de cerca de US\$ 1 bilhão, segundo previsão de Leighton. Esse total engloba empréstimos diretos a empresas, linhas de créditos intermediadas por bancos privados e compra de participação acionária.

Entre os últimos projetos aprova-

dos ou em fase de negociação estão um empréstimo de US\$ 290 milhões ao Unibanco para financiar investimentos de médias empresas na área de infra-estrutura. Também estão contemplados outros setores, como calçadista, petroquímico, agroindustrial e papel e celulose. O representante da IFC disse que a tendência é a agência ampliar cada vez mais a concessão de empréstimos na casa de US\$ 15 milhões e US\$ 20 milhões, como aque-

les concedidos recentemente a empresas como a Livraria Saraiva e Lojas Renner, para ampliação de suas redes.

Ao contrário das grandes empresas, as companhias de médio porte não têm acesso aos mercados finan-

ceiros internacionais para captar recursos de longo prazo, na avaliação do Bird. Sem outra alternativa, acabam adotando a opção da dívida de curto prazo para financiar seus investimentos de pe-

ríodo mais longo.

Segundo Leighton, com a abertura da economia brasileira, a IFC deixou de ser uma fonte única de financiamento do desenvolvimento do setor privado, para desempenhar um papel complementar em relação aos mercados financeiros internacionais e ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Por essas razões, nos últimos doze meses as médias empresas concentraram a maior parte dos recursos (cerca de US\$ 1 bilhão) aprovados para o Brasil. Dentro do País, o Nordeste é a área de desenvolvimento de maior interesse para a IFC.

DINHEIRO
VAI PARA
EMPRESAS DE
MÉDIO PORTE